

“qui multum peregrinantur raro sanctificantur” (*Imit.* I, xxiii, 4).

Apesar disso, a instituição do cristianismo medieval, embora em decadência, subsistia em pleno Renascimento, quase um século já decorrido desde as Teses de Lutero contra as indulgências, e quase dois desde a publicação da *Imitação de Cristo*. E é preciso reconhecer que, entre os que serviriam de exemplo negativo para confirmar as críticas de J. Huitzinga, e de que se encontram exemplares no próprio livro de Cevério de Vera, alguns eram, como o nosso Autor, homens de grande sensibilidade espiritual e sinceridade de intenções.

A obra de Juan Cevério de Vera oferece grande interesse aos estudiosos da atmosfera religiosa e econômica da segunda metade do século XVI, quando os turcos lutavam com os Habsburgos, e a Espanha se expandia e tinha de enfrentar dois inimigos formidáveis: os turcos e... o protestantismo. Era o tempo quando o medo condicionava o comportamento de um grande número de indivíduos: medo da inquisição, medo dos turcos. Para tudo o que acima ficou dito acerca da complexidade do mecanismo social que a existência das peregrinações contribuía decisivamente para causar, e que acabava se transformando num círculo vicioso, podem ser encontradas ilustrações curiosas neste livro precioso. Ao longo de seu caminho, vai este peregrino descrevendo paisagens coloridas, narrando fatos e acontecimentos, alguns cheios de interesse, a santa casa de nossa Senhora de Loreto, as eleições do duque de Veneza; as lutas entre diferentes raças e nações, os preconceitos religiosos, as curiosidades históricas e geográficas, costumes, instituições, cerimônias, e de quando em quando, nem sempre muito a propósito, retalhos intercalados das reminiscências do Autor entre os índios da América.

Por vezes ingênuo, por vezes irônico, o Autor, num estilo ameno e agradável, oferece ao leitor algumas proveitosas horas de prazer intelectual.

JORGE CESAR MOTA

*

* *

VERLINDEN (Charles). — *Les origines de la civilisation atlantique. De la Renaissance à l'Âge des Lumières*. Neuchatel e Paris. A la Baconnière e Albin Michel. 1966. 473 pp.

Esta história do período moderno difere das outras histórias da mesma época porque é antes de mais nada a da zona atlântica e da sua significação na evolução do mundo. Trata da época que vai do início do século XV até às vésperas dos movimentos revolucionários do fim do século XVIII. Em 1415 começa a grande expansão portuguesa e, no mesmo ano, João Huss, o primeiro grande reformador, é condenado à morte em Constança. Após o Tratado de Paris de 1763, a oposição contra a ordem tradicional aparece inicialmente nos futuros Estados Unidos e ganha em seguida a França. A sociedade, as instituições, a cultura que começaram a se organizar no século XV, se espalham depois nos XVI e XVII através da zona atlântica, sofrem no século XVIII transformações profundas. A crise que se esboça prepara em todo o espaço atlântico um novo período. As fundações da civilização atlântica tiveram início na Idade Média na Europa. Atlântica, espe-

cificamente falando, a civilização assim elaborada não se transformou senão a partir da expansão portuguesa.

A Europa atlântica, as duas Américas e a África são continuamente consideradas neste livro em suas relações recíprocas. As relações com as outras zonas culturais não foram esquecidas, mas consideradas em função da zona atlântica, do crescimento e da integração progressiva de uma civilização atlântica, caracterizada por uma rica variedade, mas também por analogia das formas de base da cultura. Nessa zona atlântica, a importância, ao lado da Europa, de regiões às quais se estendeu a influência europeia cresce com o tempo. A Europa ocidental e, até um certo ponto, igualmente a Europa meridional, são vistas como a fonte e o ponto de partida, mas as modificações que a Europa sofreu em seguida, em consequência da expansão de sua civilização e do seu poderio político através do espaço atlântico, continuamente postas em evidência neste livro.

A hora ou o papel e a influência da Europa no mundo destacadas e, assim, este livro vem muito a propósito para esclarecer a origem do poderio europeu e a sua natureza.

E. S. P.

*

* *

AYMARD (Maurice). — *Venise, Raguse et le commerce du blé dans la seconde moitié du XVIIe siècle*. Paris. S.E.V.P.E.N. Coleção "Ports, Routes, Trafics". Publicação da "École Pratique des Hautes Études. 6e section". 1966.

Primeiro artigo em volume, e sem dúvida em valor, tanto no grande como no pequeno comércio, o trigo só abunda raramente no Mediterrâneo na segunda metade do século XVI. O aumento da população, sobretudo da população urbana, cliente privilegiado, impõe aos governos das cidades e dos Estados uma busca permanente de abastecimento. Mas o reforço cada vez mais custoso das medidas tomadas para o abastecimento se choca com a rigidez dos quadros gerais desse comércio: frotas, mercadores, métodos comerciais, tudo permanece estático. Grandes compradoras e transportadoras dos meados do século, Veneza e Ragusa testemunham, cada uma a sua maneira, essa estabilidade.

Somente os mercadores mudam. E' necessário procurar o trigo onde ele se encontra, e, inicialmente nas cercanias da cidade: de 1560 a 1590 a Itália não pôde viver, mesmo mal, senão do aumento da produção local. Mas, quando esta por acaso falha, é preciso recorrer aos fornecedores mais longínquos: o trigo não circula jamais sozinho, de tal sorte que as exportações otomanas, mais ou menos em 1550, e mais ainda a busca dos grãos do Báltico após 1550, constituem verdadeiras revoluções comerciais. Sob esse duplo aspecto, o trigo regula então a vida econômica do mundo mediterrâneo.

E. S. P.

*

* *